Da teoria aos indicadores estatísticos, passando pelos conceitos

A sociologia estrutural-funcionalista, inspirada em Max Weber e Durkheim, promoveu a ideia de fixar 4 dimensões de análise social, independentemente do objecto em estudo. A saber, política e economia, de um lado, cultura e prestígio social do outro.

Há algo de arbitrário nesta escolha de dimensões de análise. Por exemplo, Giddens propôs outras 4 dimensões – igualmente arbitrárias: o capitalismo e o industrialismo (do lado da política económica) e o controlo social e a guerra (do lado da acção social e da dominação). Nas actuais circunstâncias históricas e de desenvolvimento das teorias sociais, sobretudo para efeitos didácticos, será aconselhável usar o primeiro tipo de análise, menos controverso e mais consensualizado entre os sociólogos e professores de sociologia.

Maus tratos a idosos, por exemplo, é um alvo possível do nosso estudo. Ok. Mas como podemos desenvolver uma conceptualização útil, prática, para nos ajudar a fazer perguntas sobre o assunto? A primeira resposta é: sob que perspectiva se irá tratar do assunto? Política? Económica? Cultural? Prestígio? (ou industrialismo, capitalismo, controlo social, guerra?)

Há políticas para idosos? São respeitadas na prática? Quanto custam os idosos à sociedade? Isso é uma despesa ou é um investimento? Os idosos são fonte de cultura? Qual é o prestígio social dos idosos? E de quem trata dos idosos? Há muitas perguntas que tendo em conta as dimensões de análise fixadas pela tradição sociológica se podem desenvolver e desmultiplicar.

O que temos de ter em conta é que não nos irá ser possível tratar de todas as dimensões ao mesmo tempo num só processo cíclico de pesquisa e de produção e recolha de dados. Não apenas a informação está dispersa muitas instituições (segurança social, finanças, economia social, programas de partidos políticos, legislação aprovada, etc.) como são muito diferentes as pessoas que se confrontam directamente com o problema (idosos, familiares, técnicos de saúde, técnicos sociais, empresas de exploração dos serviços a idosos, farmácias, etc.) e muitas também as pessoas que só indirectamente pensam na questão (todos vamos para velhos, não é?).

Teremos de escolher uma dimensão e esquecer as outras. Melhor: decidimos explorar uma dessas dimensões e trazer as outras atrás mas sem grande atenção, como um ambiente confuso no qual o nosso objecto previamente dimensionado (reduzido a uma dimensão) mergulha.

Tomemos a dimensão do prestígio social no tratamento de idosos. É uma escolha arbitrária que nos dispensará de estudar a economia e a política do tratamento de idosos, assim como a cultura existente em torno de ficar velho. Vai-nos interessar apenas o prestígio dos tratamentos dos idosos.

O que é que isso quer dizer? O prestígio dos tratamentos dos idosos?

Novamente aqui, neste passo, ter-se-á que proceder do mesmo modo analítico e arbitrário que já fizemos anteriormente: o prestígio do tratamento de idosos pode ser no sentido do valor do dinheiro (economia), do valor do local de acolhimento (política), do valor das actividades proporcionadas aos idosos (cultura), do valor das instituições que tratam dos idosos (prestígio social). Do mesmo modo teremos de proceder arbitrariamente e escolher um dos caminhos possíveis, de forma a afunilar mais um pouco a nossa atenção e, desse modo, torna-la mais precisa e rigorosa.

Temos que aprender a fazer um esforço de abstracção das variáveis arbitrariamente ignoradas mas que continuam presentes, na tal amalgama ambiental a que daremos intencionalmente menos atenção. O que é uma limitação do estudo. Mas, ao mesmo tempo, é condição prévia da possibilidade de organizar um estudo. Estudo sobre apenas um pedacinho da realidade arbitrariamente recortada, cujo sentido terá de ser reavaliado no final do estudo, mas que, de imediato, teremos de levar a sério, como se fosse possível fazer esse recorte e compreender a realidade.

Ao prestígio dos tratamentos dos idosos escolhido na primeira etapa de análise do nosso tema de estudo, até chegarmos a um objecto de estudo, juntamos uma segunda etapa analítica, também ela arbitrária. Por exemplo: qual é o prestígio das instituições de acolhimento de idosos?

Este tema de estudo é já mais claro do que o primeiro, “lares de idosos”. Inclui duas etapas: o prestígio dos tratamentos e o prestígio das instituições. Teremos de continuar o processo de análise, seja usando as dimensões analíticas próprias da sociologia, seja especificando empiricamente seja os tratamentos seja as instituições.

Ele há tratamentos de saúde (domésticos, ambulatórios, hospitalares) tratamentos sociais (centros de dia, universidades de terceira idade, voluntariado, asilos ou lares) tratamentos económicos (pensões). Não podemos tratar de todos estes casos ao mesmo tempo. Teremos de escolher arbitrariamente apenas uma de entre todas as hipóteses.

Os maus-tratos, que eram uma das preocupações avançadas pelo grupo de estudantes que propôs este tema, podem ocorrer em qualquer das circunstâncias em causa. O corte das pensões por parte do governo no ano 2013 não é mau-trato? Será nesse tipo de mau-trato que o grupo estava a pensar? Se o for, novamente, isso tem repercussões em todos os sectores da vida dos idosos e qualquer escolha será susceptível de inquirir esses efeitos.

Decidamos então qualquer coisa. Tema: “lar de idosos”; dimensão analítica 1: “O prestígio dos tratamentos dos idosos”; dimensão analítica 2: “o prestígio das instituições de acolhimento”; dimensão analítica 3: “lares de idosos”.

Note-se que a expressão “lares de idosos” como tema não significa o mesmo da expressão “lares de idosos” resultante do terceiro ciclo de análise. Há uma enorme diferença entre uma ideia vaga e uma noção conceptualizada – lar de idosos, no uso que faremos no presente estudo, quer dizer o tipo especial de forma de acolhimento de idosos para efeitos sociais (provavelmente apenas nos casos em que os idosos deixam de ser autónomos, mas que teremos de verificar se é assim ou não, na prática) como forma de reproduzir um ambiente social adaptado às novas condições de vida dos acolhidos. Note-se como este esforço de conceptualização sugere, por si mesmo, que a sociedade ao expulsar para um campo específico certo tipo de idosos pode estar a cometer um mau-trato. O abandono das pessoas que não têm autonomia – como as crianças, os doentes, os deficientes – pelas sociedades modernas – como fazem com os animais – será (ou não) uma característica das nossas sociedades? Note-se como esta questão é bem diferente da inicialmente colocada que era “maus tratos a idosos em lares ilegais”. Aparentemente mais profunda. Deixou de se querer pensar as excepções que possam ser os tratamentos intencionalmente maus por parte de pessoas (raras) também elas más, o que remete mais para a psicologia do que para a sociologia. Passou a pensar-se de que modo a sociedade ao descartar, de um modo geral, as suas responsabilidades para com os mais idosos não o faz como parte de uma filosofia geral de vida de abandonar a natureza, os animais, as pessoas com menor autonomia, as que não querem ou podem entrar em competição. E que esse abandono, por sua vez, cria as oportunidades para as maldades privadas de pessoas más.

Sobretudo repare-se como o trabalho de conceptualização permite estabelecer indicadores e perguntas relativamente claras, ao contrário do tema, que só permitiria produzir perguntas confusas, cujas respostas de pouco adiantariam à clarificação dos assuntos em causa.

A quem se iria perguntar e qual a validade das respostas sobre os lares ilegais e sobre as pessoas que praticavam maus tratos aos idosos? Será que podemos confiar nas notícias dos jornais e das televisões? Como podermos dirimir a verdade no meio de tanta informação cruzada? Devemos ir aos tribunais e verificar quais as vezes em que o juiz deu razão ao idoso e quantas vezes deu razão aos donos dos lares? Devemos ir à Segurança Social e à sua inspecção a perguntar o que sabem sobre o assunto? E se sabem porque não acabam com o problema?

Pior do que isso tudo, para que serve organizar um inquérito a este respeito? Será que a opinião das pessoas na rua ajuda a esclarecer algum destes problemas? Que sabem elas disso? Como sabemos nós que o que elas sabem tem alguma coisa a ver com a realidade vivida pelos idosos?

O “lar de idosos” conceptualizado refere-se a outra coisa. Para a qual é mais fácil imaginar perguntas para fazer a pessoas comuns, que não sabem nada de lares de idosos. “Pensa que a sociedade moderna trata bem dos seus idosos?”; “Entre os diferentes modos de tratar com os problemas dos idosos, atribua uma nota de valor de 1 a 5: hospitais, lares, centros de dia, universidade da terceira idade, voluntariado”; “Qual será a maneira de tratar bem dos idosos? Criar uma nova cultura de família? Integrar jovens na vida de idosos desconhecidos? Criar comunidades solidárias em que os idosos tenham lugar? Desenvolver no Estado um forte sector social de protecção aos idosos?”

Claro, não ficaremos aptos a contar casos de maus tratos – isso será eventualmente possível se usarmos métodos intensivos. Mas teremos informação que nos permite avaliar se a situação dos idosos é ou não um problema social sentido pela sociedade, isto é pela população inquirida, cujo universo será integralmente inquirido (se organizarmos um recenseamento) ou através de uma amostra (a partir do conhecimento disponível do universo a inquirir).

2013-03-17 APD